



EVANGELIZAR, HOJE, NA ARQUIDIOCESE

HOMILIA NA VIGÍLIA DE PENTECOSTES

23 Maio 2015 – Cripta do Sameiro – 15h

Nesta Vigília de Pentecostes, e neste encontro com os Movimentos que vivem a sua missão eclesial na Arquidiocese, quero sublinhar algumas ideias do Papa Francisco quando, na *Evangelii Gaudium*, fala de “Evangelizadores com Espírito”. Na anemia existencial destes tempos, somos todos, ou devemos ser, Evangelizadores com espírito.

1. A Igreja necessita de evangelizadores que se abram sem medo à acção do Espírito Santo. Os Movimentos têm carismas particulares que, pela acção do Espírito Santo, são colocados ao serviço da Igreja e do mundo. Os seus membros vivem, por conseguinte, em fidelidade ao Espírito e anseiam atingir a totalidade dos seus potenciais destinatários. São para todo o mundo e, por isso, não faz sentido um certo medo de sair dos seus ambientes de conforto. **O grande pecado dos movimentos consiste em trabalhar para si mesmos e não para a Igreja.** Quando não se integram na Igreja perdem a sua razão de existir. A Igreja necessita deles e eles precisam de estar onde a Igreja necessita.

2. Anunciar exige, hoje, que sejamos reveladores das **maravilhas de Deus**. O pessimismo invadiu os cristãos. Pressionados pelo ambiente de curiosidade sensacionalista, muitas vezes com origem na comunicação social, a mentalidade e linguagem de muitos cristãos são tremendamente pessimistas. As sombras parecem ocultar os raios de esperança luminosa. Não é isso o que se espera da Igreja. Ela tem um potencial ímpar para desatar os nós da angústia em que tantos se deixam envolver.

Os movimentos, por conseguinte, devem prolongar, à imagem dos seus fundadores, as maravilhas divinas. Estes foram sempre uma pedra no charco e rasgaram horizontes de extrema beleza. Fazer coisas belas, e colocá-las no circuito da vida eclesial e social, é tarefa de particular excelência.

3. O Espírito Santo fez com que todos entendessem as Palavras de Pedro na sua própria língua. Actualizando para a nossa realidade, poderíamos dizer que, hoje, os movimentos fracassam quando adoptam um discurso hermético e auto-referencial.



Quantos diálogos mudos! **O anúncio do Evangelho deve mostrar uma pluralidade de formas.**

Os carismas dos diversos movimentos são respostas e instrumentos adequados para ir ao encontro de sensibilidades e interpretações da vida diferentes. Outrora, a tradição vigente consistia em multiplicar as mesmas actividades em todos os lados. Hoje não podemos temer a inovação. Pelo contrário, teremos de descentralizar o discurso, colocar a tónica nos destinatários e tornar o Evangelho mais compreensível. O mundo mudou. Não podemos insistir em pastorais monocórdicas.

4. Esta diversidade de anúncio, incarnando a palavra, não pode ser efectuada com medo ou complexos de inferioridade. **“Anunciar a novidade do Evangelho com ousadia, com parusia, em voz alta e em todo o tempo e lugar, mesmo em contracorrente”**. Que quererá dizer, hoje, ousadia? Não será o momento de nos confrontarmos com as implicações desta palavra? E fazê-lo em voz alta não exigirá que entremos em areópagos fora do habitual para aproveitar todos os lugares e todos as circunstâncias? Podemos estar a ser conduzidos, sem nos apercebermos e adaptando-nos à mentalidade corrente. Onde está a fidelidade à Palavra?

5. Apesar do anúncio evangélico necessitar de uma perspicácia humana, não podemos pensar, sem mais, que se trata de uma obra humana. Sem a **oração**, tudo é vão e o anúncio carece daquela alma que reflecte entusiasmo e encanto. Teremos de ser mais activos? Não duvido. Mas na ausência da dimensão contemplativa nunca tocaremos o essencial da experiência cristã. Perde-se tempo e cansamo-nos. São batalhas perdidas. Não é o corre-corre que faz muito e, sobretudo, aquilo que é necessário. Paremos para ouvir o Espírito no silêncio da oração e condimentemos as iniciativas com o sal da interioridade.

6. Todo este percurso sublinhou-nos o uso adequado da palavra humana para manifestar a Palavra com letra grande. Permitam-me que realce outra dimensão: só **uma vida “transfigurada”** pela presença de Deus” é capaz de anúncio da Boa Nova. O testemunho é apontado sempre como a característica da nova Evangelização. Não



estaremos a necessitar de ser evangelizados para depois evangelizar? Não será a conversão o caminho mais convincente?

O Santo Padre pede-nos *evangelizadores com Espírito*. Repito algumas características para que esta realidade se faça carne:

- a. Sair de si e dos movimentos para chegar ao mundo;
- b. Dar prioridade ao anúncio das maravilhas e colocar de lado os pessimismos e ambientes de negativismo;
- c. Falar uma linguagem compreensível para os dias de hoje;
- d. Anunciar com ousadia e sempre;
- e. Ir contracorrente é uma certeza;
- f. Dimensão contemplativa da evangelização;
- g. Se só a palavra é usada, só uma vida convertida convence.

Os movimentos precisam de uma nova vitalidade para estar em toda a Arquidiocese. Obrigado pelo vosso empenho. Mas, acreditai que é preciso maior empenho, **pensando bem o que fazer para depois realizar mais e melhor.**

+ Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*